Exú Mirim

Travessuras, Sabedoria e o Poder da Nova Geração

Sinopse

Na vibrante cidade de Rio Branco, Exú Mirim, um guardião irreverente e sábio, percorre as ruas estreitas e avenidas movimentadas, guiando e sendo guiado por amizades improváveis. Ao lado de companheiros que compartilham sonhos, desafios e uma energia contagiante, ele enfrenta as nuances de uma cidade que pulsa entre modernidade e tradição. Entre encontros inesperados e lições profundas, Exú Mirim lidera uma jornada de autoconhecimento, onde a força da juventude e a sabedoria ancestral se entrelaçam para transformar vidas.

Com um enredo alegre e dinâmico, a trama celebra a força da amizade, a busca por identidade e o poder de transformar o cotidiano com sabedoria e leveza. A cidade de Rio Branco, com suas paisagens e cultura ricas, se torna o cenário perfeito para uma narrativa que conecta o passado e o presente, enquanto Exú Mirim, sem ser infantilizado, se destaca como um guia cheio de humor, conhecimento e sensibilidade.

Exú Mirim



Exú Mirim

Era um fim de tarde, e o ar parecia mais leve, como se carregasse a expectativa de algo que ainda estava por vir. As árvores ao longo da Avenida Getúlio Vargas se moviam suavemente, dançando ao sabor de um vento que parecia saber o caminho certo a seguir. Carros iam e vinham, enquanto o som das conversas ecoava pelos bares e praças, preenchendo os espaços com a alegria de um cotidiano sem pressa.

Do outro lado da rua, Léo, um garoto de quatorze anos, olhava fixamente para um grafite recém-pintado na lateral de um prédio. As cores vibrantes e os traços ousados pareciam ganhar vida a cada olhar atento. "Nunca vi nada igual", murmurou ele, como se estivesse tentando decifrar o segredo oculto naquela arte. Seus amigos riam, mas Léo estava absorto. Ele sabia que a cidade guardava mistérios, e aquele grafite era só mais uma peça no quebra-cabeça.

Ao longe, uma figura despretensiosa caminhava devagar, pés descalços no asfalto quente. Exú Mirim, conhecido por poucos e reconhecido por ainda menos, observava tudo com uma leveza que só os sábios possuem. Seus olhos curiosos seguiam os movimentos das pessoas, captando cada detalhe da vida ao redor como se cada instante fosse uma lição a ser aprendida. Ele não se anunciava, mas sua presença sempre causava impacto. A simples passagem dele pela praça parecia mudar o ar, que agora trazia uma mistura de tranquilidade e excitação.

Enquanto o sol mergulhava atrás dos prédios antigos, pintando as fachadas com tons de âmbar e laranja, Maria Luíza — uma jovem de vinte e poucos anos, que dividia o tempo entre a faculdade e o trabalho como artesã — ajeitava sua banca de bijuterias no Mercado Velho. Cada peça que ela produzia carregava a história das suas raízes, um legado que ela fazia questão de perpetuar. As pulseiras de miçangas coloridas refletiam a cultura e a arte que corriam nas veias da cidade. Quando viu Exú Mirim se aproximando, deu um sorriso discreto. Já o conhecia de outras

passagens, mesmo sem entender exatamente quem ele era. Havia algo nele que transmitia uma confiança familiar.

Enquanto Maria reorganizava as peças, a brisa que soprava da margem do rio trazia consigo o cheiro de ervas e temperos, misturado ao som das conversas animadas dos vendedores. A vida se manifestava em cada detalhe, nos rostos, nos sons e nos aromas que faziam parte da rotina da cidade. E, nesse momento, Exú Mirim se aproximou de uma barraca de frutas, olhou para o vendedor e, com um olhar que continha mais do que simples curiosidade, pegou uma laranja.

João, o feirante, observava o garoto com um sorriso desconfiado. "Vai levar essa?", perguntou. Exú Mirim não respondeu com palavras, mas sua expressão travessa dizia tudo. Ele sempre foi assim, comunicando-se mais com gestos e olhares do que com discursos. João, já acostumado com os tipos que cruzavam sua barraca, apenas balançou a cabeça e deu de ombros, deixando-o ir sem pedir nada em troca.

As luzes da cidade começavam a se acender aos poucos, uma a uma, como se estivessem marcando o início de algo novo. Nas ruas, o fluxo de pessoas aumentava. De repente, uma música começou a soar de um carro que passava lentamente. Uma batida forte de maracatu preenchia o ambiente, e, sem pensar duas vezes, um grupo de jovens começou a dançar em meio à rua, transformando aquele momento em uma festa improvisada. Entre os dançarinos, estava Karina, uma moça de sorriso largo e cabelos crespos que balançavam ao ritmo da batida. Ela reconheceu Exú Mirim de longe, e, com um aceno, o convidou para se juntar ao grupo. Ele não era de recusar convites. Com uma risada solta, entrou na roda e, com passos leves, acompanhou o ritmo, como se fizesse parte daquele cenário desde o princípio.

As pessoas que passavam por ali não entendiam bem o que estava acontecendo, mas também não pareciam se importar. Rio Branco sempre foi assim, uma cidade em que os encontros inesperados e

as celebrações repentinas faziam parte do cotidiano. As ruas, as praças e as esquinas eram palcos para essas pequenas manifestações de vida, e todos que ali estavam eram personagens de uma história maior, que se desenrolava sem pressa, mas com intensidade.

O céu agora se vestia de um azul profundo, quase sem estrelas, e as luzes artificiais tomavam conta da cena. O cheiro de comida vindo dos vendedores ambulantes se misturava ao som das risadas e dos passos apressados de quem voltava para casa. Exú Mirim, agora observando tudo de um banco de praça, sabia que aquela era apenas mais uma noite na cidade. Mas, ao mesmo tempo, era uma noite única, repleta de encontros que deixariam marcas sutis nas vidas de todos ali.

Rio Branco vivia de momentos assim. E Exú Mirim, embora não fosse um personagem comum, sabia que sua presença, por mais discreta que fosse, transformava cada esquina que ele cruzava.

O dia começava a se despedir, e uma brisa fresca atravessava as ruas movimentadas de Rio Branco. Nos cantos das esquinas, o vento suave levantava folhagens secas, enquanto o som das motos e bicicletas ecoava pelas avenidas. Os prédios, com suas fachadas antigas misturadas a construções modernas, refletiam a mistura de tradições e transformações que a cidade vivia. A Praça Plácido de Castro estava cheia, como de costume, e o cheiro de pipoca fresca competia com o aroma de milho assado que vinha dos carrinhos ambulantes.

Marcos, sentado em um dos bancos da praça, parecia perdido em pensamentos. Com pouco mais de vinte anos, ele sentia o peso das escolhas que estava prestes a fazer. Formado recentemente em jornalismo, ele buscava inspiração para uma reportagem que pudesse captar a essência da cidade, aquela que tanto amava. Mas, naquele momento, a inspiração teimava em se esconder, deixando-o inquieto. Ao redor, crianças corriam atrás de pombos, enquanto casais passeavam de mãos dadas, sem se preocupar com o tempo.

Tudo acontecia como parte de um cenário cotidiano, mas cheio de vida.

Perto dali, um grupo de adolescentes jogava capoeira em um canto mais isolado da praça. Cada movimento era um reflexo da habilidade e da sintonia entre eles. Entre os jogadores, Joãozinho, um garoto magro e ágil, movia-se com a leveza de quem já nascera no meio da roda. Seus olhos brilhavam a cada movimento certeiro, e seu sorriso aberto revelava o prazer que sentia ao participar daquela dança-luta. A energia era contagiante, e os transeuntes paravam por breves instantes para assistir ao espetáculo improvisado.

Do outro lado da rua, Exú Mirim observava tudo com seu jeito despreocupado, andando devagar, quase flutuando entre as pessoas, sem chamar muita atenção. Ele nunca precisou de grandes gestos para ser notado. Sua presença tinha uma forma própria de se manifestar, algo sutil, mas inegável. Seus olhos curiosos passeavam pelas cenas da cidade, captando detalhes que escapavam aos outros. Uma senhora que carregava sacolas pesadas, um vendedor de amendoim que contava o dinheiro do dia, ou o rapaz com um olhar perdido no horizonte. Tudo tinha significado para ele, mesmo que ninguém mais percebesse.

Enquanto caminhava, Mirim passou por uma pequena loja de antiguidades. O cheiro de madeira envelhecida e objetos antigos escapava pela porta aberta, convidando os passantes a uma viagem no tempo. Atrás do balcão, Dona Lourdes, uma senhora de cabelos brancos e gestos lentos, atendia uma cliente com paciência. A loja era um reflexo dela: cheia de histórias. Mirim lançou um olhar para dentro e, por um instante, algo brilhou em seus olhos. Havia uma conexão ali, algo que ele compreendia de forma intuitiva. Mas não era o momento de entrar. Não ainda.

Mais adiante, as margens do Rio Acre começavam a aparecer. A água escura e calma refletia as luzes dos postes, criando um espetáculo particular para aqueles que se aventuravam a caminhar

pelo calçadão. A voz de um cantor solitário ecoava nas proximidades, sua guitarra acústica acompanhando uma melodia simples, mas carregada de emoção. Poucas pessoas paravam para ouvir, mas ele continuava, como se aquele fosse seu único propósito naquela noite. Mirim parou por alguns segundos, escutando atentamente a música. Ali, nas entrelinhas da melodia, ele captou algo que parecia faltar ao resto da cidade — um sentimento que não se expressava em palavras, mas que estava lá, flutuando no ar.

Em um bar próximo, Marília e Lucas, amigos de longa data, discutiam animadamente sobre os planos para o próximo fim de semana. Lucas, sempre impulsivo, queria fazer uma viagem improvisada para um balneário nas proximidades, enquanto Marília preferia algo mais tranquilo, talvez uma noite de filmes na casa de algum amigo. A conversa fluía com naturalidade, e as risadas ecoavam pelo ambiente, contagiando quem estivesse por perto. Entre goles de cerveja e petiscos, eles aproveitavam aquele momento sem pensar no amanhã, sem perceber que Exú Mirim passava por eles, como uma brisa que tocava a cena sem ser notada.

Mais tarde, já próximo ao Mercado Velho, Mirim observou uma movimentação diferente. Um grupo de jovens artistas de rua preparava uma intervenção cultural. Pincéis, tintas e instrumentos musicais se misturavam em um espetáculo improvisado que logo ganharia as ruas. Ele sorriu ao ver o entusiasmo nos rostos dos participantes, sabendo que ali havia algo verdadeiro, algo que conectava aquela gente com as raízes da cidade.

A noite avançava lentamente, e o vento, agora mais forte, fazia as folhas nas árvores sussurrarem segredos. A cidade continuava viva, pulsando em cada canto, em cada esquina, em cada olhar. Exú Mirim, com seu jeito único de existir, sabia que aquele era apenas o início de uma nova jornada. Rio Branco, a Capital dos Ventos,

guardava muito mais encontros e conquistas do que se podia ver à primeira vista.

As ruas de Rio Branco estavam em seu ritmo habitual, uma mistura de movimento acelerado e momentos de calmaria. Os vendedores ambulantes se espalhavam pela cidade, oferecendo de tudo, desde frutas frescas até artesanato local, enquanto os pedestres atravessavam as calçadas com passos determinados. No mercado central, o cheiro de café recém-coado se misturava ao aroma das castanhas torradas, criando um ambiente convidativo. Era mais um dia típico no coração do Acre, onde a modernidade se encontrava com a tradição, e cada esquina tinha uma história para contar.

Em meio a essa atmosfera vibrante, Júlia, uma jovem estudante de arquitetura, caminhava distraída, com seus pensamentos divididos entre os projetos da faculdade e a vontade de viajar pelo interior do estado. Sempre curiosa sobre a cultura local, ela adorava explorar os detalhes da cidade que poucos percebiam. As fachadas dos casarões antigos, os postes de iluminação com design clássico e até as placas desgastadas das lojas tinham um charme próprio para ela. Seu olhar atento captava a essência de Rio Branco em cada detalhe, como se cada construção e cada rua tivessem uma narrativa secreta esperando para ser descoberta.

Mais à frente, a beira do Rio Acre estava calma, com suas águas lentas refletindo as luzes que começavam a acender conforme a tarde avançava. À margem, um grupo de crianças corria em uma brincadeira animada, pulando sobre as pedras e rindo alto, suas vozes ecoando pelo ambiente. O cenário tinha um charme tranquilo, mas ao mesmo tempo, pulsava com a energia da vida cotidiana. Alguns pescadores recolhiam suas redes, enquanto outros já se preparavam para mais uma noite de trabalho. A vida seguia seu curso ali, com a serenidade que só quem vive à beira do rio conhece.

Em uma esquina próxima, Paulo, um músico de rua conhecido por todos, ajustava seu violão com cuidado. Ele já havia tocado em quase todas as praças e mercados da cidade, e seu talento era sempre bem-vindo. As cordas do instrumento vibravam suavemente enquanto ele testava acordes, preparando-se para mais uma apresentação improvisada. Algumas pessoas paravam para ouvi-lo, deixando-se levar pelas melodias simples, mas cheias de emoção. Paulo tinha essa capacidade de criar uma conexão instantânea com quem quer que fosse, trazendo sorrisos aos rostos de quem passava por ali.

Atravessando a rua com sua bicicleta enferrujada, João, o entregador de marmitas mais conhecido da região, desviava dos carros com agilidade. Seu trabalho era sua paixão. Conhecia cada esquina, cada rua de Rio Branco, como se fosse um mapa vivo da cidade. Com uma mochila repleta de refeições caseiras, ele cumprimentava cada pessoa que cruzava seu caminho, sem perder a alegria. Para João, cada entrega era uma nova oportunidade de encontrar amigos, ouvir histórias e sentir-se parte da alma da cidade.

Perto do centro cultural, uma roda de capoeira começava a se formar. Os jovens, vestidos com calças brancas e camisas simples, se alongavam em silêncio, preparando-se para os movimentos sincronizados. O som dos berimbaus e dos pandeiros ecoava pelo ambiente, misturando-se aos aplausos dos curiosos que se aproximavam para assistir. Entre os capoeiristas estava Mateus, um jovem mestre conhecido por sua habilidade e carisma. Ele tinha um olhar focado, mas ao mesmo tempo, sorria com uma leveza que encantava. Seus movimentos eram precisos, mas nunca deixavam de ser uma dança, uma celebração de vida e resistência.

Em um canto discreto da praça, sentado sobre um tronco de árvore caído, Exú Mirim observava tudo com um olhar curioso. Seus pés descalços tocavam o chão como se sentissem cada vibração da cidade, e seu semblante, sempre misterioso, misturava